

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LEONARDO MULLER

UMA FORMAÇÃO CRÍTICA DENTRO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
CIÊNCIAS

MATINHOS - PR

2024

LEONARDO MULLER

UMA FORMAÇÃO CRÍTICA DENTRO DO CURSO DE LICENCIATURA EM
CIÊNCIAS

Monografia de estágio apresentada ao curso de Licenciatura em Ciências, Setor de Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Ciências.

Orientador: Prof. Dr. Vitor Fabrício Machado Souza

MATINHOS – PR

2024

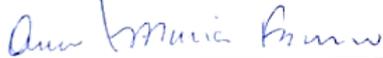
PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora realizaram em 12/09/2024 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de **LEONARDO MULLER**, sob o título "UMA FORMAÇÃO CRÍTICA DENTRO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS", como requisito parcial para obtenção do Título de *Licenciado em Ciências* pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo a estudante sido Aprovado.

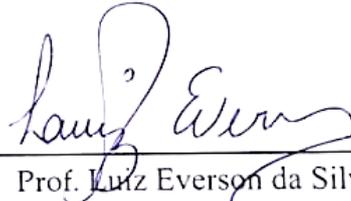
Matinhos, 12 de setembro de 2024.



Prof. Vitor Fabricio Machado Souza
Orientador



Profa. Ana Maria Franco
Membro da Banca



Prof. Luiz Everson da Silva
Membro da Banca



Leonardo Muller
Estudante

RESUMO

Esta monografia foi escrita como trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Ciências da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, e contém em seus capítulos vivências e reflexões que conduziram minha formação através de uma perspectiva emancipatória de tomada de consciência e no desenvolvimento de um olhar crítico ao mundo. Neste trabalho eu irei compartilhar uma parte da minha história e abordar os processos que me aproximaram da escolha do curso até a sua conclusão. Nas vivências eu destaco a participação nos quatro estágios supervisionados que compõem o currículo de curso, dos quais pude pensar e refletir em anos diferentes, o que me trouxe novas perspectivas da realidade que me era apresentada. Junto as reflexões das vivências, busco referência em autores que articulam com minha forma de pensar o mundo, e num ato político incorporo ao meu texto conceitos marxistas que explicam de forma crítica e consciente o sistema capitalista e como ele promove os diversos problemas atuais que a educação enfrenta, além de completar os textos apontando caminhos e pensamentos a serem seguidos para a superação deste sistema por meio de uma educação verdadeiramente crítica emancipatória.

Palavras-chave: Educação 1. Tomada de consciência 2. Criticidade 3. Política 4. Educação emancipatória 5.

ABSTRACT

This monograph was written as a final paper for the Bachelor's degree in Science at the Federal University of Paraná – Coastal Sector, and contains chapters of experiences and reflections that guided my education through an emancipatory perspective of consciousness-raising and the development of a critical view of the world. In this work, I will share a part of my story and address the processes that led me to choose this course until its completion. In the experiences, I highlight my participation in the four supervised internships that make up the course curriculum, through which I was able to think and reflect in different years, bringing me new perspectives on the reality presented to me. Alongside the reflections on the experiences, I seek references from authors that align with my way of thinking about the world, and in a political act, I incorporate into my text Marxist concepts that critically and consciously explain the capitalist system and how it promotes various current problems faced by education, in addition to completing the texts by pointing out paths and thoughts to be followed for the overcoming of this system through a truly critical and emancipatory education.

Keywords: Education 1. Consciousness-raising 2. Criticality 3. Politics 4. Emancipatory education 5.

SUMÁRIO

Sumário

1 INTRODUÇÃO	6
2. MEMORIAL: APRECIANDO AS CORES COM MEUS OLHOS.....	7
2.1 Probem e permanência.....	10
2.2 Primeiro semestre: experienciando para compreender a experiência.....	10
2.3 Reconhecimento do litoral.....	12
3. ESTÁGIO I: INTEGRAR, CONHECER E OBSERVAR	15
4. ESTÁGIO II: OBSERVAR, INCLUIR E AGIR.....	20
5. ESTÁGIO III: OBSERVAR, REFLETIR E NÃO REPRODUZIR	24
6. ESTÁGIO SUPERVIONADO Iv: Refletir, criticar e inovar	29
7. CONCLUSÕES.....	33
8. REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Minha jornada no curso de Licenciatura em Ciências na Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral teve início no ano de 2018 e ao longo dessa trajetória, fui marcado por experiências acadêmicas e pessoais que completaram minha formação e contribuíram para o meu crescimento como profissional e como pessoa. Este memorial é escrito com o propósito de relatar e refletir sobre minha jornada acadêmica, profissional e, especialmente pessoal, destacando processos de construção que moldaram minha caminhada desde o ingresso na universidade até os momentos em que escrevo este texto.

A escolha pelo curso na Universidade Federal foi motivada, em primeiro lugar, pela gratuidade da instituição e pela existência de programas e auxílios que garantem a permanência estudantil dos estudantes pobres durante sua formação. Isso viabilizou a continuação do meu direito à educação pública e de qualidade. Através dessas políticas, pude conquistar um novo espaço antes inacessível para uma família da classe social da qual pertenço, vale ressaltar que eu fui o primeiro da minha genealogia a ingressar num curso superior.

Durante minha trajetória acadêmica, tive a oportunidade de construir uma identidade fundamentada na capacidade de análise crítica que vê, compreende e questiona o mundo a minha volta. Essa perspectiva crítica foi essencial na minha ascensão cognitiva e no reconhecimento do valor e significância da educação superior gratuita. Entretanto, mais do que qualquer outra coisa, ver o mundo de forma crítica me trouxe a compreensão necessária para que eu entenda os motivos históricos e sociais que me levam hoje a necessitar de cotas, auxílios, bolsas e políticas públicas para ingressar, permanecer e concluir um curso superior.

Nesta universidade, desenvolvi não apenas uma identidade crítica, mas também uma identidade docente humanizada, capaz de exercer com maestria a profissão na qual me formei, aprendi a desenvolver metodologias críticas e emancipadoras, respeitar diversidades, incluir a quem precisa de inclusão, dar voz a quem precisa ser ouvido e, parafraseando Paulo Freire, 1996, filósofo e educador ao qual se baseia o Projeto Político Pedagógico do Setor Litoral, aprendi que “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” que desmistifica qualquer relação de poder que existia entre o educador e o educando.

Diante desta conquista, permaneci 6 anos ocupando espaços dentro e fora da universidade. Cada momento foi experienciado com a intensidade de quem reconhece a singularidade desta oportunidade, especialmente sendo o primeiro ou único membro da minha família a ter esse acesso. Explorei áreas e lugares, concluí módulos, estágios, aulas de campo e viagens com experiências únicas, participei de projetos de pesquisa, ensino e extensão e, além disso, morei em outro continente por meio de um intercâmbio. No meio de tudo isso, conheci pessoas e aprendi muito com elas. Neste memorial, compartilharei algumas dessas vivências buscando refletir suas contribuições para a construção do meu ser.

Em particular, destaco as experiências vivenciadas durante os quatro estágios supervisionados que compõem a grade curricular do curso de Licenciatura em Ciências, os quais considero como grandes pilares da minha construção e transformação docente. Será por meio dessas experiências que aprofundarei minhas reflexões acerca do meu papel de educador humanizado.

Agora, ao adentrar a próxima seção deste memorial, quero levar você leitor, à uma viagem através da minha história de vida. Nela, explorarei as influências, experiências e momentos que moldaram meu caminho em direção à Licenciatura em Ciências e como esses elementos se entrelaçam para me tornar o educador que sou hoje. Afinal, são as experiências, valores e perspectivas que trago comigo que construíram a forma como encaro os obstáculos e oportunidades que surgem ao longo do caminho. Nesta seção, exploro minha história pessoal e acadêmica em busca de experiências que me aproximaram do curso de Licenciatura em Ciências na UFPR Litoral.

2. MEMORIAL: APRECIANDO AS CORES COM MEUS OLHOS

Meu nome é Leonardo Muller, nasci em 11 de novembro de 1999, no Hospital Municipal de Mandirituba, entretanto cresci e vivenciei minha juventude em Fazenda Rio Grande, localizada na região metropolitana de Curitiba. Sou o terceiro de três filhos de uma família que passou grande parte da história no ambiente rural. Meus pais se conheceram em Porto Santana, município do interior do Paraná que hoje possui aproximadamente 3.800 habitantes (IBGE, 2010), cidade na qual viveram por 15 anos até chegarem em Fazenda Rio Grande. Os dois não tiveram acesso à educação, então não concluíram sequer o ensino fundamental.

Meu pai tem 63 anos e desempenha a profissão de carpinteiro/pedreiro na construção civil e trabalha por toda região metropolitana de Curitiba. Minha mãe tem 62 anos. Durante sua vida foi proibida de trabalhar fora e desempenhou funções do lar, na manutenção da casa e no cuidado dos filhos.

Durante toda minha infância, minha família sempre foi muito religiosa, fator que considero ser uma das grandes limitações no processo de tomada da consciência e conquista da liberdade. Me libertar destas ideologias e preconceitos que a religião trouxe foi o primeiro passo para a sensação de liberdade que uma vida sem julgamentos pôde me oferecer.

Minha jornada acadêmica teve início na primeira escola pública que frequentei, localizada junto à igreja católica mais próxima à casa dos meus pais. Foi lá que cursei a pré-escola. A presença da igreja junto à escola fortalecia as práticas cristãs na nossa educação, e embora as memórias sejam turvas, recordo-me vagamente de como o ensino refletia o conservadorismo do catolicismo. Mas também trago boas memórias, como as experiências de plantar feijões no algodão e investigar a influência do sol e da água no crescimento das plantas. Eu realmente gostava de ir à escola, sempre tive muitos amigos na classe, brincava muito e era facilmente impressionado com a natureza.

Nos anos seguintes frequentei outras escolas públicas do bairro onde morei. Foi na Escola Municipal Maryle que aprendi a ler e escrever, nesta escola cursei todos os anos iniciais do ensino fundamental. Lá desenvolvi minha atração por insetos e aracnídeos. Lembro-me com clareza de uma apresentação com essas temáticas em que nos preparamos, decoramos as salas de aulas e fizemos juntos uma grande feira de ciências na escola. Eu estudei e apresentei sobre os aracnídeos e suas funções na natureza. Naquela feira, os pais de cada aluno foram convidados, e guardo essa recordação tão bem guardada pois minha mãe também foi assistir e participar.

Já nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio estudei no Colégio Anita Canet, no bairro vizinho onde morava. A escola apesar de possuir seus vários problemas, contava com uma ótima equipe de professores e durante minha formação ofertaram o curso de Técnico em Meio Ambiente integrado com o ensino médio.

Contudo, estudar em um curso técnico me trouxe conhecimentos e experiências cuja relevância se estendeu além daquele ciclo, abrindo portas para conquistas futuras. Com o técnico em Meio Ambiente, comecei um estágio no atual Instituto de Águas e Terras - IAT, eu tinha 16 anos e esse foi meu primeiro emprego

formal. Durante essa fase da minha vida eu estagiava durante o dia e estudava no período noturno, e apesar da cansativa carga horária desenvolvi inúmeras habilidades e conhecimentos que as utilizo até os dias atuais. No estágio conheci vestibulandos e graduandos, e com essas pessoas descobri a universidade pública e como ela funcionava, aprendi sobre o vestibular, sobre os auxílios, as bolsas e os projetos, e aquelas informações foram essenciais para o direcionamento dos meus planos.

A partir desse momento meu objetivo foi ingressar na UFPR. Meu primeiro passo foi abandonar aquele estágio, dado que não me sobrava tempo algum para estudar e quando eu chegava na escola acabava dormindo na sala devido ao cansaço que o trabalho me trazia. Todos os dias eu precisava sair de casa cedo e só voltava a noite, eu trabalhava durante a tarde e estudava a noite, pegava ônibus e devido ao trânsito me atrasava diariamente no colégio. Quando parei de trabalhar pude me dedicar mais à escola, além de estudar em casa e fazer revisões dos vestibulares e Enem. Com isso, no final do ano de 2017 consegui uma vaga através do Sistema de Seleção Unificado (Sisu) no curso de Licenciatura em Ciências na Universidade Federal do Paraná Setor Litoral e me mudei sozinho para a cidade de Matinhos onde fica sediado o Setor Litoral da UFPR, na qual permaneci estudante por vários anos seguintes.

Entretanto, momentos antes de toda essa mudança, meus familiares não compreendiam meu desejo de mudar de cidade e da importância de um ensino superior, e para ser sincero eu também não compreendia com exatidão o processo de não trabalhar e ter uma dedicação exclusiva à educação, uma vez que a ideologia da dignificação do trabalho havia sido muito bem implantada na minha família.

Sair da casa dos pais com 18 anos para cursar uma graduação foi com certeza uma das minhas maiores conquistas até então, me sentia orgulhoso e entusiasmado para começar esse novo momento. Ainda assim, mudar de cidade interferiu diretamente no poder econômico da minha família, precisei procurar pelo aluguel mais barato possível, e o único compatível com nossa realidade foi uma casa simples, na qual eu dividiria o espaço com outros estudantes. Mas é importante saber que junto a esses estudantes compartilhei experiências únicas e cultivei amizades duradouras repletas de reflexões e crescimento pessoal. Contudo, moramos desconfortavelmente naquele lugar até que juntos conseguimos pagar por um lugar melhor com a ajuda dos auxílios estudantis e das bolsas dos projetos universitários.

2.1 PROBLEMA E PERMANÊNCIA

Os auxílios têm aliviado significativamente as preocupações financeiras que os estudantes pobres enfrentam durante seus anos universitários. Comigo, esse auxílio me permitiu concentrar meu tempo e energia no aprendizado, nas atividades e principalmente na participação dos projetos universitários que fizeram parte da minha formação, e contribuíram imensuravelmente na construção da minha base teórica o que me trouxe experiências únicas e transformadoras.

Esses auxílios contribuem para uma mínima qualidade de vida ao estudante, auxiliando sua permanência na cidade onde cursa a graduação. Esses valores são destinados ao pagamento do aluguel e a permanência geral do aluno dentro do curso. Além disso, outra parte essencial desse suporte é o acesso ao Restaurante Universitário (RU), onde realizei praticamente todas as minhas refeições ao longo da graduação. O restaurante universitário oferece refeições acessíveis, equilibradas e digo eu, deliciosas, que juntamente com os auxílios financeiros, desempenham um papel fundamental no reparo da desigualdade histórica causada pela má distribuição de renda entre a população.

Ir ao RU fez parte da minha rotina, e eu a compartilhei com muito amigos. Nas mesas do restaurante, os assuntos estudantis sempre estiveram em pauta, e promoviam discussões diversas, oriundas de cursos distintos, oferecendo diferentes perspectivas que enriqueceram minha construção de identidade. Cada encontro, cada conversa, cada experiência, ampliou meus horizontes e me aproximou mais da personalidade que tenho hoje.

2.2 PRIMEIRO SEMESTRE: EXPERIENCIANDO PARA COMPREENDER A EXPERIÊNCIA

Durante o primeiro semestre da faculdade, fui apresentado à obra “Notas sobre a Experiência e Sobre o Saber de Experiência” do professor Dr. Jorge Larrosa Bondía (2002). Neste texto, o autor discute como as experiências traçam aspectos fundamentais da nossa existência. Larrosa nos faz perceber que a experiência não se limita às ações diretas que vivenciamos, mas também inclui tudo o que testemunhamos e absorvemos ao nosso redor. Isso implica que nossa vida não é vivida de forma isolada, ao contrário, somos profundamente influenciados por tudo o

que acontece em nosso entorno. Cada experiência, seja ela direta ou observada, molda nosso ser de maneira única, impactando nossos conhecimentos, nossos pensamentos e até mesmo nossa identidade. Sendo assim, tudo o que acontece em nossa volta, nos ambientes que frequentamos e nas conversas que construímos, participa da construção e reconstrução do nosso ser, uma vez que estamos em constante movimento e mudança.

Com isso, podemos afirmar que somos seres em constante construção, construídos pelas experiências que acumulamos ao longo da vida. Portanto, viver com intensidade as experiências que a vida nos proporciona torna-se não apenas uma motivação, mas uma maneira de honrar a complexidade e a riqueza de nossa jornada no mundo. É através das experiências que descobrimos e transformamos quem somos. Com essa filosofia, dediquei-me a experienciar a universidade de maneira a aproveitar cada espaço numa busca pela construção de uma identidade que ainda não conhecia, mas que almejava.

Desta forma, ao longo da graduação busquei participar de projetos que englobassem os três principais eixos que sustentam a universidade pública, especialmente na UFPR – Setor Litoral, que são representados pela pesquisa, ensino e extensão. E assim minha jornada começa como bolsista no projeto de extensão da Feira de Ciências Regional do Litoral Paranaense vinculado ao Laboratório Móvel de Educação Científica – LabMóvel, em seguida participei por dezoito meses do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID; no mesmo período participei como voluntário do Programa Institucional de Monitoria – PIM, onde desenvolvi, junto com professores e outros alunos, encontros e eventos relacionados a diversidade e inclusão junto ao módulo de Interações Culturais Humanísticas – ICH; Em seguida durante a pandemia do COVID 19, participei como bolsista de uma pesquisa científica que levantou dados acerca dos cuidados pessoais para a prevenção do contágio pelo coronavírus SARS-CoV-2 em diferentes municípios do Estado do Paraná; Em seguida, participei como bolsista do Núcleo de Tecnologia Educacional, onde realizei atividades de apoio para o emprego de Tecnologias Digitais de Comunicação e Informação – TDIC; No mesmo tempo era voluntário no grupo de pesquisa “Coletivo EduCultura: Tecendo Territórios” onde contribuí com o projeto de pesquisa “Desterritorialização/Reterritorialização da Escola: Possibilidades para uma Educação na (Pós)Pandemia”; e por fim, realizei um intercâmbio Internacional com bolsa no curso de Biologia Marinha pela Escola Superior de

Turismo e Tecnologia do Mar no concelho de Peniche em Portugal; além disso, também participei de diversas aulas de campo, viagens, eventos, congressos, experimentações, feiras de profissões, recepções de calouros, discussões, aulas em outros cursos, entre outros espaços formais e não formais de educação.

Agora retornando ao primeiro semestre do curso, fui introduzido a outro módulo que jamais esquecerei, denominado “Integração e reconhecimento”, nele aprendemos a reconhecer o litoral paranaense e desenvolver um olhar crítico quanto a comunidade acerca da universidade.

2.3 RECONHECIMENTO DO LITORAL

O Reconhecimento do Litoral é expresso no curso de licenciatura em Ciências na forma do módulo chamado “Integração e Reconhecimento”. Este tem como objetivo uma abordagem interrogativa na busca de compreender os desafios e problemas enfrentados no contexto específico do litoral paranaense. Neste módulo eu aprimorei minha forma de conhecer a cidade onde estou morando, e com o passar dos anos desenvolvi ferramentas que me ajudavam a entender o contexto das dinâmicas políticas e sociais da região. Durante a graduação eu conheci a cidade de Matinhos por diferentes perspectivas, andei por todas as ruas, escalei todos os morros, caminhei por todas as praias, e circulei incontáveis quilômetros de bicicleta, aliás, muitos deles foram sobre as chuvas típicas da cidade e por toda cidade deixei pensamentos e reflexões na ânsia de compreender a realidade e como ela se apresentava para mim.

Na época, enquanto cursava o módulo comecei a ter uma percepção mais criteriosa e desenvolvi habilidades para identificar os problemas ali existentes. Observar de perto as questões ambientais, sociais e principalmente econômicas que afetam a região onde estou, é um hábito que ainda permanece em mim. No entanto, a verdadeira compreensão dessas experiências só se cristalizou anos depois, à medida que avancei em meus estudos e adquiri mais conhecimento, especialmente na área da história e sociologia. Apenas depois de conhecer e refletir sobre os processos históricos que constroem o sistema capitalista no qual vivemos, é que consegui compreender as situações de desigualdades sociais, culturais e econômicas que me cercavam, bem como as relações de poder entre as classes sociais, que precarizam os trabalhadores e favorece a classe dominante.

Essa compreensão mais detalhada do sistema ao qual vivemos se estendeu ainda mais durante o intercâmbio internacional que realizei no final da graduação. Quando cheguei na cidade de Peniche, em Portugal, decidi que iria replicar alguns dos objetivos desenvolvidos no módulo de Integração e reconhecimento. Entretanto, as realidades se apresentavam de forma completamente diferente, a diferença social entre os países foi extremamente marcante para mim, a experiência prévia de viver em Matinhos me gerou estranheza por presenciar outra realidade com tão mais desenvolvimento e qualidade de vida.

E para complementar a experiência social de compreender a cidade na prática, descobri em alguns autores filósofos e políticos, embasamentos para compreender as realidades sistêmicas nas quais me encontrava. Contudo, no âmbito de problematizar e depois refletir sobre o sistema econômico social que vivemos, trago para este texto, contribuições de um escritor que eu só tive o prazer de conhecer ao final da graduação, Karl Marx.

No Livro *A ideologia alemã (2007)*, Marx e Engels definem o Materialismo Histórico como a ciência da história. Simplificando, isso significa dizer que nascemos numa sociedade carregada de história, são eventos que transformaram as relações entre os humanos, criando condições que determinam suas formas de pensar, agir e gerenciar políticas. Para os autores, o nosso jeito de pensar é determinado pelas relações sociais de produção, isso origina o termo *materialismo histórico*. Nele, a condição material determina as ideias humanas, uma vez que as relações de sociedade e política não são de criação divina nem naturalmente dadas. Ao contrário, elas nascem e dependem das ações dos seres humanos situados no tempo, e na história. Na prática, hoje em dia, por exemplo, a existência de uma escola periférica, precarizada e abandonada, é explicada pelo processo de manutenção da colonização e dominação de uma classe sobre a outra. Da mesma forma que quando há existência de uma escola elitizada ela é inacessível para as classes pobres do sistema.

Neste sistema, sempre haverá injustiça, nele a riqueza é resultante de um processo de exploração sobre o trabalhador. No capitalismo, segundo Marx o operário produz para seu patrão riqueza e colhe pobreza, sendo a mais-valia a lei fundamental que estrutura esse sistema.

No começo da graduação eu me perguntava com frequência do porquê instituições precarizadas existem. Pensava que o Estado cometia erros e que junto da

corrupção e os desvios resultava na falta de verba para a merenda escolar, por exemplo. Realmente não compreendia essa falha no desenvolvimento e encontrar a resposta para essas dúvidas não foi nada simples. E sabendo da dificuldade à tomada de consciência, faço deste texto um ato didático e também político. Pois segundo Giroux (1997) existe a necessidade de tornar o pedagógico mais político e o político mais pedagógico.

Portanto, é de grande importância ressaltar que em geral o sistema capitalista por meio do Estado defende os interesses da classe dominante detentora dos meios de produção, os quais alienam e exploram a mão de obra da classe trabalhadora, que é constantemente alienada, dominada e precarizada pela configuração natural do sistema.

Essa compreensão da política da qual estamos inseridos, aconteceu para mim, em processos lentos e confusos. Ao primeiro momento eu conseguia identificar a imensa desigualdade social entre as comunidades, mas não compreendia os reais motivos para aquilo existir. Nos trabalhos em sala de aula, ao discutir e vivenciar realidades diferentes entre Caiobá e Tabuleiro ou Mangue Seco, por exemplo, era fácil para mim, identificar as diferentes realidades entre os bairros de Matinhos, mas eu não compreendia o motivo de um bairro periférico se manter periférico enquanto o outro se desenvolve e prospera. Não compreendia o motivo de existir escolas particulares desenvolvidas no centro e escolas precárias nos bairros mais afastados.

Antigamente, eu imaginava mil motivos onde o Estado falhava na gestão destes lugares, até que tomei consciência de que o Estado opera exatamente dessa forma. Portanto conhecer a origem desta instância de tão grande poder me ajudou a compreender melhor a realidade. O livro Filosofia (2014) referencia Marx, para retratar de forma didática e simplificada a origem do Estado que administra a sociedade onde vivemos.

“Reconhecendo-se incapazes de controlar os não proprietários, junto aos quais a revolução popular é sempre possível, os proprietários dos meios de produção, movidos pelo interesse que os une, precisam criar uma instância com força suficiente para dominar os não proprietários de forma aparentemente correta, legítima e universal. Para tanto, os proprietários criam o Estado como um poder separado da sociedade, detentor de leis, do direito e da força necessários para gerenciar a estrutura econômica. Em caso de aparente perigo à manutenção da estrutura, o Estado terá o direito ao uso da violência. (MEIER, 2014, P. 354)

Por essa razão, o Estado é criado dentro dos interesses pessoais da classe dominante, detentora dos meios de produção. O sistema é tão bem estruturado que simula o interesse geral, fazendo-nos pensar que opera de forma impessoal, invisível e intocável. Quando na realidade, em um sentido marxista, trata-se de um mecanismo de mascaramento da dominação e da opressão histórica.

Confesso que para mim, ao compreender essa temática e vivenciá-la, foi e ainda é, um processo doloroso de aceitação, entretanto, acredito que essa indignação se transforma em energia para compartilhar conhecimento, emancipar ideias e resistir organizando a classe trabalhadora, despertar consciência de classe, e plantar ideias revolucionárias de emancipação. Entretanto não é uma tarefa fácil, pois a classe dominante detém todos os recursos materiais e intelectuais, jurídicos, políticos e militares para a manutenção dessa estrutura econômica a seu serviço. Sendo assim, o acesso à educação e informação de qualidade permanece sendo o instrumento essencial para a organização da classe trabalhadora, que pode e vai começar em diferentes espaços, nas salas de aulas, nos centros culturais, na periferia e dentro das fábricas. E como professor quero e vou promover em minhas aulas o desenvolvimento do pensamento crítico libertador.

3. ESTÁGIO I: INTEGRAR, CONHECER E OBSERVAR

O meu primeiro estágio foi realizado no ano de 2018 junto ao colégio estadual Tereza da Silva Ramos, localizado no bairro Tabuleiro, em Matinhos. Essa é uma região da periferia da cidade e a primeira coisa que me chamou atenção no colégio foi a precarização e a falta de recursos dentro e fora das salas de aulas. Apesar do colégio possuir uma área ampla, as salas de aulas são pequenas e desconfortáveis. Quase todos os dias era preciso emprestar cadeiras e carteiras de outras salas para me sentar junto aos alunos e geralmente, os últimos alunos a entrarem na sala também precisavam buscar cadeiras em outros locais para se sentarem. Todas as salas possuíam ventiladores, porém poucos funcionavam, o calor me desestimulava muito e acredito que isso também era sentido pelos alunos e os professores da escola. A merenda no recreio geralmente era composta por chá e bolacha, salvo raros dias em que era distribuída uma refeição completa, composta de carboidratos, proteínas e vitaminas.

O objetivo deste primeiro estágio foi a aproximação e a reflexão do futuro docente com o ambiente escolar. Dentro do módulo realizamos atividades que auxiliaram nossa integração e reconhecimento da escola, como reproduzir o mapa da escola e descrever seu espaço físico; ler o projeto pedagógico da escola e identificar os elementos de ensino aprendizagem de ciências que a escola vem realizando; montar um organograma da escola e identificar os atores envolvidos; observar as aulas do ensino de ciências de um professor à escolha e descrever o processo de ensino aprendizagem correlacionando o ambiente escolar.

Para mim, ler o projeto político pedagógico da escola foi compreender que quase nada daquele planejamento é efetivamente colocado em prática. Percebi que os professores têm autonomia para gerir suas aulas da maneira individual e é notável que alguns deles realmente se esforçam para construir uma educação de qualidade às crianças, adaptando os poucos materiais e utilizando os espaços da escola de forma mais eficiente e na busca de uma alternativa melhor à salas de aulas pequenas, todos os dias eu via professores levando os alunos para completarem suas atividades ao ar livre entre os espaços abertos da escola, o que é uma ótima opção, sem considerar os dias chuvosos ou de muito calor.

As minhas 105 horas de estágio contemplaram os momentos de observação do colégio, leitura dos documentos que regem o processo educacional e principalmente no acompanhamento e na observação das aulas regidas por um professor de ciências.

A seguir, descrevo uma análise pormenorizada do que observei durante a experiência do Estágio Supervisionado 1 à época:

As metodologias de ensino exploradas pelo professor transitavam entre a educação bancária e algumas práticas colaborativas e experimentações didáticas. O professor utilizava o livro didático para a base dos conhecimentos trabalhados em sala de aula. As principais atividades construídas em sala de aula eram leitura coletiva, cópia de textos, resolução de atividades e jogos de perguntas e respostas; idas ao laboratório eram raras e desestimulantes pois não havia os materiais necessários para a elaborações de experimentos ou amostragens. Entretanto, atividades mais significativas completavam a prática docente desse professor, como trabalhos manuais de construção coletiva e apresentações em grupo.

Dentro do conteúdo energia elétrica, a atividade principal que os alunos desenvolveram foi a confecção de maquetes representativas das formas de geração de energia. Os alunos se organizaram em grupos e apresentaram ao longo do

semestre as diferentes formas possíveis de gerar energia elétrica. As maquetes traziam o lúdico às apresentações dos alunos, e em cada apresentação notei a curiosidade dos demais com o tema e principalmente com a confecção da maquete, os alunos mostravam-se criativos e empolgados em apresentar o material confeccionado por eles. Alguns grupos complementavam suas apresentações com cartazes, slides ou vídeos.

As aulas de 45 minutos geralmente aconteciam uma seguida da outra, trazendo a possibilidade de o professor transpor os conteúdos do semestre numa das aulas, deixando a outra aula livre para as apresentações dos grupos. Essa dinâmica permaneceu praticamente por todo o semestre.

Nos dias de muito calor, o professor convidava os alunos para realizar a aula ao ar livre nas mesas da cantina ou abaixo de alguma árvore. Nesses momentos, aconteciam alguns jogos e trocas de conhecimentos entre toda a turma.

Esse professor respeitava muito as crianças e cultivava uma relação de carinho e afeto. Sempre no começo das aulas os alunos vinham e o abraçavam, contavam histórias que haviam acontecido durante a semana ou seus planos para os dias seguintes. E com empatia, os alunos também respeitavam esse professor, colaboravam e participavam ativamente das aulas trazendo dúvidas e conhecimentos.

Os alunos eram agitados e cheios de energia, e nos dias mais quentes, principalmente nas salas de aula sem ventiladores, a impaciência e a euforia tomava conta da classe dificultando a transmissão dos conhecimentos, tanto pelos alunos quanto pelo professor.

Para avaliar e agregar notas aos alunos, este professor utilizava como critério avaliativo o desenvolvimento das atividades realizadas em sala de aula, das maquetes e apresentações, da participação individual e completava sua avaliação com uma prova ao final do semestre. Essa prova era composta por 10 questões abrangendo atividades dissertativas, atividades de múltipla escolha, cruzadinhas, desenhos e a elaboração de textos livres.

A partir dessas experiências, pude perceber que o respeito é fundamental para criar boas relações entre professor e aluno. Além do mais, o professor ao perceber a falta de estrutura necessária, obteve melhores resultados ao propor aulas fora da sala de aula, explorando os espaços do colégio, como áreas verdes, mais frescas e arejadas. A proposta de atividades manuais e de construção coletiva, como a confecção de maquetes, respaldaram os ótimos resultados em participação e desenvolvimento de ideias entre os alunos. Com isso, tanto os alunos como o professor obtiveram resultados interativos e mais significativos durante todo o semestre (Autor, 2018)

No decorrer da leitura e reflexão deste estágio, após 5 anos de vivências, apoio-me em ideais diferentes para construir meus posicionamentos políticos e tomar consciência da realidade a qual me era apresentada. Como citei no capítulo anterior, essa consciência foi construída com o passar do tempo nas experiências e reflexões que vivi. Uma verdadeira práxis do conhecimento. Em 2018, certamente meu eu, não imaginava o quão grande é o problema que a educação brasileira enfrenta, tão pouco como solucionar tal problema e menos ainda como identificar realmente qual era a fonte deste problema.

No começo do texto, eu aponto que a metodologia utilizada pelo professor transitava entre o tradicional e outras atividades não tão elaboradas. Entretanto, eu não tinha compreensão do que realmente era uma pedagogia bancária tradicional, portanto, trago para esta parte do artigo bases teóricas que fundamentam minha consciência atualmente.

A "educação bancária" ou educação tradicional é um termo popularizado pelo educador brasileiro Paulo Freire, que o utilizou de forma crítica para descrever um modelo de ensino que trata os alunos como "bancos" vazios a serem preenchidos com conhecimento pelo professor (FREIRE, 1987). Para além disso, as metodologias de educação bancária ou tradicional não pretendem desenvolver a criticidades dos alunos dentro das aulas, pois são metodologias de ensino "passivo", que significa que o professor é o único detentor do conhecimento e utiliza técnicas de memorização e repetição para "ensinar" a classe. Nessa metodologia espera-se que todas as crianças alcancem resultados iguais ou próximos, encaixando-as em sistemas de recompensas e punições relacionadas ao seu desempenho e comportamento.

Entretando, além de compreender que metodologias bancárias tradicionais não auxiliam no desenvolvimento da criticidade, é extremamente importante saber, como professor, que esse tipo de pedagogia carrega em si um viés colonizador.

A educação bancária, não libertadora, fabrica sujeitos, homens e mulheres, para constituir a massa homogênea e padronizada do modo de produção capitalista, que produz e reproduz as regras e a cultura imposta pelos dominantes (BRIGHENTE *et* MESQUIDA, 2016). Neste mesmo viés político, Freire (1992) introduz o conceito da "violência da interdição do corpo", que se refere a experiência da colonização que o Brasil e todos os outros países sofreram pelos europeus, que é discutido no artigo de Brighente e Mesquida, Paulo Freire: da Denúncia da Educação Bancária ao Anúncio de uma Pedagogia Libertadora (2016). Nele, as autoras transcrevem como os

processos da colonização se transformaram em pedagogias escolares que catequizam e colonizam os corpos dos alunos como se fossem objetos livres de individualidades e sentimentos, além de apresentar uma perspectiva de pedagogia libertadora, conversando com o leitor e aguçando sua criticidade à história.

Neste artigo, as autoras escrevem:

Ao longo da história do Brasil, o corpo de homens e mulheres foi negado, seja pelos colonizadores, pelos jesuítas (os primeiros educadores brasileiros), seja pela família ou pela escola. Lembramos que o corpo dos gentios foi sendo interditado quando chegaram os homens brancos à América. Para ilustrar essa reflexão, Freire (2000, p. 73), no livro *Pedagogia da indignação*, escreve um texto sobre o “Descobrimto da América”, refletindo sobre os 500 anos da chegada dos portugueses ao Continente, que permitiu não o “descobrimto” (como os livros de história contam), mas a conquista do corpo e da alma da América, sendo que as mazelas permanecem conosco até os dias de hoje. (BRIGHENTE et MESQUIDA, 2016, p.158)

E complementam com “O exemplo da chegada do colonizador à América prova que o corpo foi e é passível de ser docilizado, interditado e punido por aqueles que impõem as ordens e detêm o saber e o poder”.

Sendo assim, a escola, e os educadores quando mentoreados sob as perspectivas bancárias tradicionais, participam, inconscientemente, do processo de interdição e negação do corpo do aluno, que conseqüentemente conduzirá o aluno a domesticação para o sistema.

O corpo do indivíduo também é marcado e oprimido na medida em que é massificado, observa Freire (2003), pois ele não assume uma posição crítica perante a vida, sua consciência nada mais é que ingênua. Desse modo, homens e mulheres são passíveis de domesticação, o ser humano não possui mais endereço, torna-se “desenraizado” (Freire, 2003, p. 39). A escola parece assumir esse papel de domesticação dos educandos, tornando dóceis os corpos das crianças, como afirma Foucault (2009). Padronizam-nas durante o processo de ensino, para que assim, fora do ambiente escolar, em outras instituições e na sociedade, elas também continuem perpetuando esse modelo de consciência ingênua e massificada. (BRIGHENTE et MESQUIDA, 2016, p.163)

Com isso, a interdição do corpo acontece também quando não se considera as vivências dos alunos, excluindo suas histórias e impondo normas e culturas como de “única verdade”, quando negamos sua humanização e sua condição de ser mais; e principalmente quando somos objetificados e deixamos de ser sujeitos. A colonização

e a interdição do corpo acontecem o tempo todo dentro da nossa sociedade, todos nós da classe proletária fomos e somos dominados pelo sistema, por isso necessitamos de consciência crítica para nos libertar dessa condição e não contribuir com a colonização de novos alunos. Por isso Brighente e Mesquida (2016, p.175) descrevem “O corpo continua negado, dócil e interditado, quando não percebe que vive no contexto do modo de produção capitalista que exige pessoas disciplinadas, saudáveis e ativas, não por acreditar no potencial do ser humano, mas por buscar, constantemente, sua produtividade e lucro...”

4. ESTÁGIO II: OBSERVAR, INCLUIR E AGIR

O estágio 2 foi realizado no ano de 2019 junto ao colégio estadual Gabriel de Lara localizado no centro de Matinhos, e sendo também um colégio público apresenta melhores condições que a escola citada anteriormente, principalmente quanto a alimentação oferecida aos alunos. Nesta escola, uma refeição balanceada era distribuída entre alunos e professores. As salas de aula eram maiores e em todo meu estágio nunca faltaram cadeiras ou carteiras para mim ou para os alunos.

Nesse estágio, a interação com os alunos representava o objetivo principal do módulo, sendo assim, ficou acordado com o professor de ciências uma divisão entre a observação e a condução de $\frac{1}{4}$ das aulas destinadas ao 6º ano da turma C. As atividades de regência foram realizadas paralelamente aos conteúdos trabalhados pelo professor, e com isso, pude com os alunos explorar diversos temas e metodologias pedagógicas.

Nesta seção irei descrever minhas experiências do estágio 2 e em seguida refleti-las utilizando bases teóricas para consolidar meu posicionamento atual.

Para esse estágio, decidi que iria trabalhar diferentes metodologias pedagógicas, experienciando práticas tradicionais e práticas alternativas, inovadoras e mais bem desenvolvidas.

Na primeira aula que lecionei, decidi construir com os alunos um mapa conceitual partindo da palavra “Ciência” e com a pergunta norteadora: “o que você quer aprender na matéria de ciências?”. Posteriormente as ramificações do mapa foram agrupadas e afinadas em temas, e com isso, construí junto com os alunos a ementa das próximas aulas. Ao total, além das aulas de observação, oito experiências de docência compuseram meu estágio II.

Dentre os temas trabalhados, tomaremos como base da discussão quatro aulas. Com as seguintes temáticas: 1° “resíduos sólidos e reciclagem”; 2° “corpo humano e exercícios físicos”; 3° “formação das rochas e do solo” e 4° “alimentação, saúde e bem viver”. Os dois primeiros temas foram trabalhados de maneira dinâmica, e os seguintes temas de maneira tradicional.

Resumidamente, para a execução da primeira aula, o tema foi introduzido com a elaboração de um mapa conceitual sobre reciclagem, que se ramificou em diferentes áreas, como, meio ambiente, ciclo dos resíduos, fonte de renda, os três R's, poluição, entre outros. A aula teve sequência com uma roda de conversa em que foram discutido os temas presente no mapa conceitual. Os alunos relataram histórias familiares, hábitos ecológicos, e afins, e os assuntos foram complementados durante a roda de conversa com conhecimentos científicos. Por fim, foi transmitido um pequeno vídeo educativo a respeito do tema.

A segunda aula teve início com uma abordagem interrogativa, que resgatou o conhecimento popular sobre o tema. Foi destacado processos que ocorrem em nossos corpos, durante e depois da prática de exercícios físicos. Logo após, os alunos foram levados para a quadra, onde foi apresentado uma das maneiras de aferir os batimentos cardíacos. Com isso, os alunos divididos em duplas, conseguiram registrar seus batimentos antes e depois de realizarem exercícios físicos. Em sequência foi realizado uma roda de conversa, abordando as alterações que ocorreram em cada corpo, que foram explicadas com a ajuda de protótipos de órgãos do corpo humano.

A terceira aula começou com a apresentação do tema e foi entregue um texto para cada aluno, o qual descrevia o processo de formação das rochas e do solo, o texto foi lido em conjunto por alguns alunos, que revezaram a cada parágrafo. Em cada pausa, pude explicar com mais detalhes as informações do texto. Após a leitura, foi passado um vídeo sobre o tema, e a aula foi concluída com quatro perguntas a serem respondidas no caderno.

Na quarta aula, o livro didático da escola serviu como fonte de dados, os textos do livro foram lidos e discutidos com os alunos. O livro apresentava diversas imagens e informações sobre alimentação saudável e bem viver, os alunos compartilharam experiências e comentaram sobre seus hábitos alimentícios. Para completar o conteúdo, foi passado um vídeo contendo algumas dicas para realizar uma boa alimentação e melhorar a qualidade de vida. A aula terminou com as respostas das perguntas presentes no final do capítulo do livro didático

As práticas pedagógicas que experienciei neste semestre foram: resgate de conhecimentos populares, confecção de mapa conceitual, rodas de conversa, sala de aula invertida, experimentos práticos e sensitivos, jogos de perguntas e respostas, leitura conjunta, pesquisa-ação, uso do livro didático, amostras de vídeos, saídas pelos ambientes da escola, resolução de atividades, cruzadinhas e aulas expositivas.

Algumas reflexões sobre essas práticas já aconteciam no momento do planejamento. As práticas pedagógicas alternativas à tradicional, necessitam de uma melhor preparação do professor como também de um plano de aula muito mais complexo, pois a aula acontecia de maneira mais espontânea podendo abranger diversos assuntos a depender dos conhecimentos prévios dos alunos, coisa que não acontecia tão frequentemente com as práticas tradicionais, em que o conhecimento normalmente era transmitido de forma linear sem muitos desvios ou imprevistos.

Elaborar dinâmicas e outras práticas exige do professor saberes interdisciplinares, portanto, identificar e introduzir um propósito educativo numa dinâmica foi para mim um processo difícil e exigiu muita pesquisa e leitura. Os conteúdos de ciência são complexos, antes de montar um plano de aula, precisava ler sobre o assunto e compreendê-lo sozinho, isso não era um problema, mas me ocupava bastante tempo.

Elaborar aulas tradicionais utilizando o livro didático como base de conhecimento foi significativamente mais fácil, porém a aula se tornava chata e desestimulante, os alunos não mostravam interesse pelos temas trabalhados e se dispersavam com muita facilidade. Conversas paralelas aumentavam de volume até se tornarem grandes bagunças. Em resumo, quando trabalhei de forma tradicional a experiência foi ruim para mim e para os alunos.

Por fim, pude concluir que, ambas as metodologias apresentam dificuldades e afinidades, porém, com o uso das metodologias alternativas é possível notar um melhor aproveitamento por todas as partes envolvidas, o processo de ensino aprendizagem ocorre de maneira descontraída e dinâmica facilitando o próprio reconhecimento dentro do processo de aprendizagem. (texto original 2019)

Ao ler esse meu texto depois de alguns anos, me vem novos sentimentos e lembranças de quando eu buscava experienciar a educação de diferentes maneiras. O estágio aconteceu em paralelo com minha participação no PIBID na mesma escola, portanto as aulas sempre eram repletas de novidades e me traziam muita experiência. Neste período da graduação eu experienciei várias metodologias diferentes e isso me ajudou a desenvolver habilidades necessárias para ser um educador melhor. O desenvolvimento da comunicação verbal evoluiu junto com o aperfeiçoamento da construção dos planos de aulas, me trazendo experiências também com a relação entre os alunos, onde eu buscava criar uma coletividade respeitosa de trocas positivas.

Brighente e Mesquida (2016), discutem e afirmam que para construir uma educação libertadora, o professor deve conduzir seus alunos e desenvolver com eles

a criticidade e o olhar crítico da realidade que o cerca. O aluno não pode ser tratado como objeto, mas sim como sujeito, repleto de história, livre para se expressar e cultivar suas individualidades. E neste sentido elas relatam em seu texto que:

A instituição escolar acaba reforçando uma prática pedagógica de negação do corpo do educando, já que possui a tarefa de inculcar os valores dados como legítimos nos alunos, numa relação autoritária. E, educandos dóceis, se submetem à prática pedagógica sem contestar, sem oferecer resistência ao autoritarismo ou à cultura de que a escola é transmissora. Sendo legitimadora dessa violência, a escola vai deixando marcas no corpo dos alunos, e isso irá se refletir na prática pedagógica dos educadores dos futuros educadores. (BRIGHENTE *et* MESQUIDA, 2016, p.74)

Com isso, podemos dizer, que uma reforma nas práticas educacionais é necessária para contornar essa situação de opressão histórica que vem acontecendo com a sociedade. Por isso elas complementam o texto dizendo:

E é justamente na sua prática pedagógica libertadora, que o educador pode lutar contra o fatalismo que a sociedade capitalista nos traz, seja contra o desemprego, a miséria ou os altos índices de analfabetismo. A educação não pode ser aquela que deposita, que incentiva a memorização mecânica, a que treina (concepção bancária), porém aquela que ajuda homens e mulheres, sujeitos de sua história, a pensar criticamente, colocando-lhes desafios, dando espaço para mostrar suas curiosidades e suas indagações. Ao contrário da educação bancária, que não busca a conscientização de seus educandos, quer, na verdade, que corpos de alunos e alunas sejam inconscientes e sujeitados às suas regras, perpetuando, assim, sua relação vertical. (BRIGHENTE *et* MESQUIDA, 2016, p.165).

Freire (2001) *in* BRIGHENTE *et* MESQUIDA (2016) acrescenta que a amorosidade é uma prática significativa na educação libertadora. Nesse sentido, se relacionar com o aluno de forma correta é essencial para a desconstrução das relações de poder existentes, deixando espaço para a construção de relações fortificadas pelo respeito mútuo entre professor e aluno.

“o educador humanista revolucionário precisa, junto com os alunos, empreender uma ação crítica e de humanização, propiciando uma relação de diálogo. Para esse processo se efetivar, é fundamental colocar-se no mesmo nível de relações com os educandos (posição horizontal e não vertical)” (BRIGHENTE *et* MESQUIDA, 2016, p.172)

As mesmas autoras também afirmam que é importante compreender a necessidade da conscientização para que homens e mulheres possam fazer suas próprias escolhas e interferir em suas histórias. É preciso compreender que não

existem fatalidades, mas sim, condições histórico-sociais que construíram as relações sociais que presenciamos. Deste modo, a educação libertadora faz-se necessária para superar a educação opressora, conduzindo “o homem para isso por meio de uma educação autêntica: uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue. Isto obriga, a uma revisão total e profunda dos sistemas tradicionais de educação, dos programas e dos métodos”.

5. ESTÁGIO III: OBSERVAR, REFLETIR E NÃO REPRODUZIR

O começo do estágio supervisionado III começou de forma um tanto quanto confusa, primeiramente em 2021 quando realizei a matrícula, o módulo estava sem professor regente e em processo de discussão sobre sua oferta em meio remoto ou híbrido; após algumas semanas quando a situação se normalizou e os primeiros passos referentes à documentação foram tomados, o estágio finalmente começou de forma totalmente remota. A escola escolhida na época foi o Colégio Estadual Dona Branca do Nascimento Miranda, localizada em Curitiba. Minha recepção pela escola foi excelente, realizamos reuniões e encontros online com membros da escola e da universidade, e as aulas de observação e regência ocorriam muito bem, até que, a escola que estava operando em modo híbrido, precisou operar apenas de forma presencial, impossibilitando a permanência no estágio.

Após a reprovação anterior, o próximo estágio III foi realizado no Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos, o mesmo colégio do primeiro estágio citado nesta monografia. Este estágio foi realizado com as turmas do ensino fundamental 2, contemplando os 7º, 8º e 9º anos do período matutino e vespertino 10 de março a 19 de maio de 2022. Neste estágio, a princípio, tomei como objetivo, realizar uma nova observação geral da escola e das aulas de ciências e de que maneira a escola se situa na comunidade em que está inserida, englobando aspectos físicos de infraestruturas e recursos disponíveis, como também aspectos políticos da gestão escolar. Ainda nas vivências dentro da escola, foi realizada uma aula de regência desenvolvida em conjunto com o professor orientador do módulo de estágio, e supervisionada pelo professor regente da escola e da turma em questão. Desse modo, com as experiências obtidas no estágio, foi possível problematizar e refletir

sobre a organização pedagógica, as políticas públicas e principalmente sobre a prática docente e seu verdadeiro significado perante a comunidade que se insere.

Na primeira aula do estágio, fiquei fora da sala, sentado nos bancos da cantina, consegui observar que a escola mudou muito desde a última vez que realizei o estágio no ano de 2018. A mudança mais marcante, na minha opinião, foi a restauração dos espaços verdes da escola, que agora possui árvores e plantas espalhadas em diversos locais, possui novos vasos de diferentes flores, hortas e jardins e nestes espaços a escola está instalando mesas e bancos de concreto para o uso dos alunos. Entretanto, as salas continuavam as mesmas: pequenas, algumas sem cortinas e outras sem ventiladores. Durante minha ida ao estágio, muitas das salas se apresentavam superlotadas, como o exemplo de um sétimo ano, que num determinado dia contava com 33 alunos, mais 1 tutora de educação especial, 1 professor e mais 2 estagiários da universidade, totalizando 37 pessoas em uma sala sem o suporte necessário.

Este estágio, sem dúvidas, foi o mais desestimulante que presenciei. Das aulas que observei, todas seguiram o mesmo padrão: utilizar um texto para cópia e leitura seguido de resoluções de perguntas e o semestre foi avaliado utilizando como critério as tarefas copiadas no caderno e o desempenho nas provas e atividades avaliativas.

Entretanto, além das experiências dentro da sala de aula, o estágio supervisionado pode ir muito além do que apenas um módulo que compõe a grade curricular do curso de ciências, ou de qualquer outra graduação aqui do setor litoral. Coincidentemente, ou não, o estágio acontece de forma simultânea entre os vários cursos presentes no setor, e com isso, tendo uma rede de contatos com outros graduandos, é possível o compartilhamento das vivências, experiências e reflexões sobre as práticas docentes e, sobretudo, acerca das diferentes escolas localizadas em Matinhos. Posto isso, dentro do meu círculo social, foi inevitável a troca das experiências vividas nesse período.

As discussões sobre os estágios aconteceram na maioria das vezes em lugares informais como nas mesas do restaurante universitário, ou durante os encontros nos bares, praia e em nossas casas. Durante minha trajetória, compartilhei essas vivências com graduandos das licenciaturas em Geográfica, Educação física, Linguagem e comunicação e Artes. Esses momentos proporcionaram uma análise profunda e multidisciplinar das diferentes realidades encontradas em uma mesma cidade. Um exemplo simples que sempre esteve presente nessas discussões incluí as políticas públicas de inclusão e infraestrutura das escolas. Como por exemplo, na

escola Abigail que recebeu a transformação para um regime cívico militar, essa mesma, possui uma infraestrutura completamente diferente do colégio Tereza Ramos. Nela os alunos possuíam notebooks cedidos pelo governo, laboratórios com equipamentos novos, alimentação balanceada, salas de aulas equipadas com projetor, e notebook disponível ao professor, entre outros diferenciais. Claro que, ao discutir esses assuntos também levamos em consideração o tamanho físico da escola, sua localização geográfica, os alunos que são contemplados por ela, entre demais pontos que vão surgindo entre uma pauta e outra.

A forma que o estágio é estruturado em cada curso também difere bastante, e pode nos mostrar novos meios de atingir uma criticidade docente, explorando de forma diferente o ato de ser professor e também de ser aluno. O curso de Geografia, por exemplo, contou com um estágio compartilhado entre todas as escolas da cidade; os alunos do curso juntamente com os professores, realizaram visitas técnicas em todos os colégios de Matinhos, com o objetivo de realizar um panorama geral das políticas públicas, dos espaços geopolíticos, das estruturas físicas e também do regimento interno das escolas acerca das metodologias utilizadas pelos professores da matéria.

Outro exemplo é o curso de Artes que trabalha no estágio as 4 principais linguagens artísticas: artes visuais, música, teatro e dança, os graduandos são aptos a realizar o estágio no ensino fundamental 1 e 2, ensino médio e no EJA. Cada estágio é focado em uma linguagem e pode ser realizado de maneiras bem flexíveis.

Junto a essas reflexões, tomo consciência de que não existe uma única forma correta para construir a identidade docente dentro de um curso de licenciatura. Sendo assim, todos os estágios realizados junto ao meu grupo social apresentaram-se diferentes desde os objetivos iniciais às metodologias e referências que construíram o módulo, e são essas diversidades que, aos poucos, reconstróem minhas opiniões, formam e reformam minhas condutas, e influenciam no profissional que estou me formando.

Ao final do módulo, quando refleti sobre as vivências do estágio, me vem a cabeça inúmeros fatores que influenciaram o desempenho das atividades realizadas.

Ao realizar uma regência de aula sobre a classificação das plantas, tive a oportunidade de construir um plano de aula da forma mais interativa possível, trabalhando de forma prática os estudos teóricos que venho acompanhando durante esses quatro anos de formação. No entanto, preocupantemente, minha aula foi

apenas uma repetição das atividades que já vinham sendo desenvolvidas com a turma.

Considero que o mau gerenciamento do meu tempo pessoal, foi crucial no desenvolvimento do estágio como um todo, mas principalmente, no que se refere à aula de regência, que considerei uma prática educativa pobre sem o desenvolvimento da criticidade.

Para desenvolver o planejamento de uma boa aula é preciso possuir, além dos conhecimentos técnicos da matéria, uma base de referenciais metodológicos e práticas educacionais, que por sua vez são adquiridos por meio do estudo teórico e também das experiências que o autor viveu e refletiu. Quando estou planejando uma aula, tomo como referência os professores que participaram da minha construção acadêmica, buscando lembranças do ensino fundamental, médio, da graduação, dos projetos que participei, e com certeza, das experiências que presenciei nos espaços informais de educação.

No começo do relatório original de estágio, descrevo a escola como um ambiente grande, cheio de arvores e plantas, e esse espaço é ideal para desenvolver atividades ao ar livre. A classificação das plantas poderia começar com uma dinâmica no quintal da escola, em que os alunos seriam instruídos a conhecer e depois classificar por eles próprios as plantas ali existentes. Os bancos são ideais para reunir uma turma inteira e realizar uma espécie de roda de conversa ou discussão coletiva sobre o tema. Não precisaria sair do espaço escolar para encontrar exemplares dos quatro principais grupos da classificação do reino plantae.

Mas afinal, o que me levou a não fazer tudo isso? Pois no momento da construção do plano de aula, também tive essas mesmas ideias, e mesmo conhecendo inúmeras atividades e/ou possibilidades metodológicas, desenvolvi uma aula tradicional com os mesmos conceitos e traços que a turma estava acostumada a experimentar. Me deparo agora com conflitos morais e éticos, principalmente ao precisar refletir e escrever sobre a prática. Pois, mesmo tendo o conhecimento necessário para inovar na metodologia, isso não aconteceu.

Realizando uma comparação entre os estágios nos anos anteriores, percebi que meu desempenho foi muito espelhado nas vivências do momento. Quando participei de aulas com outros professores, mais ativos, o cenário me influenciou a realizar aulas mais dinâmicas e aquilo me provocava a elaborar tais metodologias. Também reconheço que essas vivências aconteceram em outro tempo, um tempo que

nem imaginaríamos uma pandemia mundial. A escola pós pandemia esta diferente, não há como negar o grande atraso que as aulas remotas causaram na educação e na construção desse processo. A transição para quase dois anos de aulas remotas ou híbridas parece ter afetado a atenção dos alunos, que agora se distraem com praticamente qualquer coisa.

O papel do professor não pode se resumir apenas em transmitir o conhecimento já descrito no Google, muito pelo contrário, o professor deve instigar o aluno e desenvolver seus próprios conhecimentos, ser investigador e explorador, ser crítico, pensar e questionar sobre as coisas que lhes são impostas. Tenho certeza de que usarei essas vivências de estágio para decidir com muito cuidado os caminhos que irei seguir quanto profissional.

Diante destas reflexões, também considero importante destacar que a educação não deve ser um processo unilateral. Como reforma Brighente e Mesquida “a educação que visa à libertação não transfere conhecimento, mas implica no próprio ato de conhecer, sendo possível que educandos sejam educadores, e educadores sejam educandos” (Brighente et Mesquida, 2016, p.173)

Com isso espera-se que um educador libertador caminhe para a extinção das relações de poder e opressões dentro do espaço acadêmico e das relações da vida.

6. ESTÁGIO SUPERVISIONADO IV: REFLETIR, CRITICAR E INOVAR

No ano de 2023, durante o estágio 4 no Colégio Estadual Gabriel de Lara, em Matinhos, retornei ao ambiente explorado pelo Leonardo de 2019, compreendendo assim, a dinâmica rotativa das práticas pedagógicas que mudam repentinamente a decorrer das gestões e políticas educacionais.

A ementa do estágio 4 discutiu e problematizou as metodologias de avaliação adotadas no semestre escolar. O objetivo era não apenas questionar as práticas convencionais, mas também propor ajustes e inovações que se alinhassem melhor às demandas educacionais contemporâneas. Além disso, o propósito do estágio 4 foi englobar a observação e realização de aulas de regência pautadas por metodologias novas, diferenciando-se das práticas já estabelecidas pelo professor da escola.

Sendo assim, eu descrevo minha experiência no estágio 4 começando pela dinâmica de ensino aprendizagem que este ano está totalmente influenciada pela utilização da plataforma RCO+aulas, (Registro de Classe online + aulas) que conduz todas as aulas. Essa ferramenta, embora pareça oferecer praticidade em fornecer tudo pronto, como: planos de aulas, slides, tarefas e atividades, também levanta questões sobre a originalidade e qualidade do conteúdo, e principalmente sobre a interatividade no processo de aprender. A dependência exclusiva desta plataforma, transmitindo slides em uma televisão na sala de aula, acarreta na despersonalização do ensino.

As aulas ministradas via sistema RCO+aulas, seguem o formato de leitura e cópia de slides, e caracterizasse por textos extremamente curtos e sem criticidade alguma. A prática envolve a leitura conjunta desses breves textos, seguida pela resolução de atividades contidas no final de cada slide. Contudo, a praticidade desta plataforma, reflete na insatisfação expressada pelos estudantes. As aulas são maçadoras, sem construção e sem interação. Poucos eram os alunos que copiavam e em muitos casos, sequer abriam seus cadernos. Conversas paralelas tomavam conta do ambiente até se tornarem grandes bagunças, e isso se repetia diariamente.

As aulas semanais da matéria de ciências também não foram distribuídas de maneira sequencial neste semestre, e isso significa que a casa sinal, o professor troca de sala, sem a possibilidade de permanecer duas aulas seguidas na mesma turma, o incentivando a realizar tarefas mais curtas e com sequências de menor importância.

Em meio a esse contexto, busquei fazer com que minha experiência de regência de aulas fosse mais criativa e construtiva. Não tive muitas aberturas para conduzir a turma sozinho, entretanto, participei na construção dos projetos da feira de ciências local da escola. Minha intervenção começou com a escolha dos temas: primeiro, com ajuda do mapa conceitual, desenvolvi juntamente com a turma uma visualização ampla da temática, com ramificações e subtemas; os alunos se dividiram em grupos, escolheram seus temas e nos comprometemos a trazer para a próxima aula, informações, notícias e histórias sobre as temáticas. Na aula seguinte, com ajuda de um computador, transitei por todos os grupos compartilhando sites, artigos e notícias sobre cada tema individualmente; os alunos compartilharam suas pesquisas e discutimos os próximos passos do trabalho e apresentação e as aulas seguintes foram dedicadas à conclusão dos projetos.

Por fim, como a ementa deste módulo contemplou a problematização da metodologia de ensino da escola, foi tomado como base a análise crítica da prática docente do professor mediador do estágio na escola, com ênfase em seu método de avaliação.

A maneira como o professor de estágio organiza a distribuição de notas em suas turmas é a seguinte: No total, são 10 pontos que precisam ser registrados na plataforma RCO, e esse processo é dividido em 2 momentos, com 5 pontos atribuídos em cada um deles, o que compreende a avaliação ao longo de um semestre. No primeiro conjunto de 5 pontos, a professora distribui a nota em duas atividades distintas: uma prova escrita e uma atividade realizada em sala de aula. Adicionalmente, ela oferece a oportunidade de recuperação com um valor total de 5 pontos.

No segundo momento de atribuição de notas, o professor geralmente utiliza uma prova, embora ocasionalmente possa complementá-la com outra atividade, conforme a necessidade da turma e disponibilidade de tempo.

É importante destacar que as provas utilizadas pelo professor são disponibilizadas pelo próprio sistema RCO+aulas. Em uma conversa breve, ela mencionou que não costuma atribuir notas relacionadas ao caderno, participação ou comportamento, pois observa que os alunos não apresentam um desenvolvimento positivo nessas categorias. Em vez disso, ela opta por utilizar as provas, uma vez que já estão prontas e oferecem um método simples para atribuição de notas no boletim.

A avaliação faz parte do processo de aprendizagem da escola e desempenha um papel muito importante no desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes.

Portanto, adotar uma boa forma de avaliação visando a aprendizagem como um processo de construção individual e coletiva, promove um ambiente saudável para o ensino/aprendizagem (Da Costa Negrão *et Miki*, 2022). Da mesma maneira que a avaliação promove um diagnóstico geral sobre o ensinar e o aprender, se manejada de maneira inadequada pode se tornar um fator desestimulante para ambos.

Os autores relatam que basicamente existem duas formas de lidar com o “erro”, a primeira é atribuir um castigo a ele, como descontar nota em uma prova, ou desqualificar um trabalho. Já a segunda forma de administrar uma situação assim, é com reflexão, de modo com que as respostas erradas possam servir de pontos para futuras conversas e correções de conceitos. A avaliação deve ser contínua uma vez que aprendemos antes, durante e depois de uma avaliação.

Felipe e Pésida discutem em seu texto “Instrumentos de Avaliação da Aprendizagem de Ciências Naturais nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental” os conceitos de avaliação contínua descrito por Zabala (1998). Em seu texto original, Zabala, descreve um processo de avaliação contendo três etapas. Avaliação inicial, avaliação reguladora e avaliação final. Esse método busca validar os conhecimentos prévios dos alunos, enquanto cria possibilidades de mediação para a construção do conhecimento científico. E para completar um ciclo de aprendizagem faz-se uso da avaliação final para obter um diagnóstico das práticas docentes e de como as informações foram transmitidas e absorvidas pelos alunos.

Quando se fala em valorizar os conhecimentos populares dos alunos, é compreender que informações são transmitidas em todos os lugares, que todos somos cheios de conhecimentos. O papel do professor então, cabe na mediação dessas informações, de ensinar a filtrar e pesquisar, criticar e duvidar, encontrar problemas e ajudar nas intervenções. O professor precisa estimular a criticidade do aluno, mediar nos processos de busca, de construção e de ação.

Além disso, a avaliação deve ser vista também com uma ferramenta para diagnosticar e desenvolver melhor as práticas pedagógicas. Os professores desempenham um papel fundamental na orientação dos alunos em seu processo de aprendizado. Com um bom retorno personalizado para cada aluno após a avaliação pode ajudar a identificar fragilidades no processo e criar estratégias mais eficazes de ensino. Como o autor discorre em seu texto, não há problema na atribuição de notas ou conceitos aos alunos, mas há sim formas de replicar isso de uma maneira saudável e competente.

A flexibilidade na avaliação também se coloca como um fator importante para contemplar as diferentes habilidades dos alunos em sala de aula, buscando respeitar as personalidades, estilos e ritmos de aprendizagem de forma individual. Portanto, é importante que as avaliações se adaptem às necessidades dos alunos, incluir mais opções de avaliação como, projetos, portfólios, maquetes, apresentações, artes, provas ou discussões em grupos, auxilia no amparo das habilidades individuais de cada aluno.

Em resumo, avaliar o processo de aprendizagem na escola deve ser um processo contínuo e flexível que não apenas avalia o desempenho dos alunos, mas também fornece reflexões valiosas para melhorar as práticas pedagógicas. Ao adotar essa abordagem, podemos criar um ambiente de aprendizado mais eficaz, inclusivo e centrado no aluno, promovendo assim uma educação mais crítica e libertadora.

Uma boa avaliação necessita estar acompanhada de uma boa prática docente, mas para isso acontecer, ao meu entender, é preciso estrutura física competente, valorização do trabalho do professor, salas de aulas com números reduzidos de alunos, novas escolas, estabilidade socioeconômica das famílias, entre outros direitos que nos são negados pela elite dominante.

Neste estágio me deparei com o sistema RCO que gerencia as aulas dentro da escola. Essa plataforma é claramente mais uma das ferramentas do sistema para sua própria manutenção. Como já discutido anteriormente, a educação enfrenta grandes problemas históricos e políticos que dificultam a conscientização da população. Essa plataforma visa impor metodologias de ensino simplistas e colonialistas, trazendo como base os princípios negativos citados nos capítulos anteriores deste texto. A prática da repetição e memorização como a plataforma propõe é alienante e fomenta a domesticação de toda a classe oprimida.

Dessa maneira é fundamental estudar o passado e refletir conscientemente para não nos deixarmos enganar pela facilidade de trabalhar com um material pronto cedido pelo Estado, pois esse material carrega em si um viés que aliena o aluno e também o professor.

Conhecendo um pouco da herança histórica, entendemos o motivo de a instituição escolar não permitir que os corpos se libertem, se humanizem e vivenciem sua condição natural de ser mais. A própria estrutura física da instituição, as cercas, os muros, as posições dos alunos dentro das salas de aulas (cada um em sua carteira enfileirada), a constituição de filas para manter a ordem, o *panóp-tico*, como Foucault (2009) descreve, já aguardam os educandos para moldá-los, discipliná-los e dizer a eles como seus corpos devem se comportar. Assim é caracterizado o processo de ensino e aprendizagem. O “professor-juiz”, citado pelo autor (2009), é um vigilante constante desses corpos, sendo que qualquer desvio poderá levar à punição,

seja com suspensões, expulsões ou notas abaixo da média estabelecida. (BRIGHENTE et MESQUIDA, 2016, p.162)

Por fim, é preciso estar atento aos novos métodos que mascarados pela promessa de padronização da educação conduzem o povo oprimido à alienação. E neste caso, é dever do educador consciente despertar essa criticidade em seus alunos e colegas, entretanto como retratam Brighente e Mesquida, o educador:

Não irá depositar nos corpos deles uma suposta “conscientização”, pois assim estaria reproduzindo o mecanismo da educação bancária, na qual aquele que detém o poder/saber preenche o corpo vazio dos que nada sabem. Segundo Freire (2002, p. 162), o partido revolucionário não deve criar “escolas revolucionárias” e, posteriormente, partir para a revolução. O autor procura destacar que aqueles que buscam a revolução precisam estar com as massas populares, não as anular, pois, se assim o fizerem, estarão adotando uma medida mecanicista e não dialética. Por esse motivo é substancial que o educador seja educado. (BRIGHENTE et MESQUIDA, 2016, p.168)

Contudo, um educador consciente deve auxiliar no processo de tomada de consciência dos seus alunos e colegas, mas sem impor essa consciência a eles. O processo deve ser constante envolvendo desde a validação de sua cultura e história até as reflexões mais profundas sobre suas vidas, desejos e vontades. E neste caminho para me tornar um educador consciente é indispensável uma formação crítica e politizada, seguida da práxis, que me ajuda a refletir ações e interações com o mundo em minha volta.

Para finalizar, quero deixar registrado que vivo numa busca constante para desenvolver uma consciência ainda mais crítica, com o objetivo de interferir e fazer parte do processo de mudança e revolução que a educação libertadora proporciona.

7. CONCLUSÕES

Por fim, a conclusão desta monografia representa o fechamento de um ciclo significativo em minha trajetória acadêmica. Ao longo destes anos de graduação, testemunhei uma grande evolução em minha formação como futuro professor. Cada

ano letivo trouxe consigo experiências formadoras que construíram minha identidade. Sou formado por 4 estágios, inúmeras aulas, projetos de pesquisa, ensino e extensão, eventos, intercâmbio, aulas de campo, discussões, leituras, escritas, trocas sociais e principalmente por experiências sociais.

No primeiro ano, deparei-me com a necessidade de compreender o mundo em outra cidade, num ambiente que passei a residir. Essa experiência inicial foi uma imersão única de desafios acadêmicos e expectativas universitária. No segundo ano, aprofundi minha compreensão sobre as diversas formas de se construir um processo de aprendizado. Essa fase permitiu-me explorar práticas pedagógicas ao mesmo tempo que as estudava, reforçando com resultados experienciados de que metodologias criativas e inovadoras são essenciais para a construção de aprendizado significativo libertador.

O terceiro ano trouxe consigo a inesperada pandemia do vírus SARS-CoV-2, com a doença sendo denominada de COVID-19. O surto da doença começou em 2019 e se estendeu o ano de 2021, interrompendo as aulas presenciais. Esse período, foi marcado academicamente pelas pesquisas remotas e pelos reajustes às novas realidades de ensino a distância e ferramentas que auxiliavam neste processo.

O quarto ano, reflete sobre como reproduzir metodologias convencionais não seria suficiente. A dedicação ao construir um plano de aula crítico e libertador é essencial na luta contra as relações de poder e a opressão as classes pobres, sendo assim, faz-se necessário uma formação transversal e multidisciplinar. Além de que, a formação docente nunca cessa e pode ser ressignificada em diversos contextos.

No quinto ano, a experiência do intercâmbio universitário me proporcionou uma experiência de viver em outra cultura e aprender por outras metodologias de ensino. Neste ano estive presente na graduação em Biologia Marinha, e pude explorar os conteúdos do curso por meio de pesquisas, experiências e vivências, expandindo significativamente minha formação acadêmica e principalmente pessoal.

Finalmente, no sexto ano, concentrei meu estágio na problematização das metodologias avaliativas. Essa fase destacou a importância crítica de repensar e inovar os métodos de avaliação juntamente com a importância da prática docente consciente e humanizada.

8. REFERÊNCIAS

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas Sobre a Experiência e Sobre o Saber da Experiência. *Revista Brasileira de Educação*, p. 19-28, 2002.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: ciências da Natureza.** Brasília, [ano da versão da BNCC]. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: <26 de nov. de 2023>.

BRIGHENTE, Miriam Furlan; MESQUIDA, Peri. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-posições**, v. 27, n. 1, p. 155-177, 2016.

DA COSTA NEGRÃO, Felipe; MIKI, Pérsida da Silva Ribeiro. Instrumentos de avaliação da aprendizagem de ciências naturais nos anos iniciais do ensino fundamental. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 15, n. 1, p. 209-231, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17º. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Memória: entrevista Paulo Freire.** Entrevista concedida a Mario Sérgio Cortella e Paulo de Tarso Venceslau ao programa *Teoria e debate*, Fundação Perseu Abramo, 1992. Retirado em 28 de agosto de 2010, de <<http://www2.fpa.org.br/o-que-fazemos/editora/teoria-e-debate/edicoes-anteriores/memoria-en-trevista-paulo-freire>>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra. 144 p., 1996.

GIROUX, Henry. **Os Professores Como Intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas. 280 p., 1997.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Censo Populacional, 2010. Consultado em maio de 2024.

MARX, Karl. O Trabalho Alienado. *In: MEIER, Celito. Filosofia: Por uma inteligência de complexidade: volume único, ensino médio.* Belo Horizonte: Pax. 392 p., 2014.

MARX, Karl., ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stiner e do socialismo alemão em seus diferentes profetas.** São Paulo: Boitempo. 616 p., 2007.

ZABALA, ANTONI. **A Prática Educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

